



## A DINÂMICA CONJUGAL À LUZ DA DIVISÃO DE TAREFAS DOMÉSTICAS EM CASAIS DE DUPLA CARREIRA

SOCORRO, T. C.

*Estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSal  
tatiucsal@gmail.com*

MOREIRA, L. V. C

*Professora e Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSal  
luciavcm@oi.com.br*

94

### RESUMO

A família contemporânea enfrenta diversas mudanças em sua configuração e estrutura, e se esforça para reorganizar aspectos de sua própria realidade transformada continuamente pelo ambiente sociocultural atual. No entanto, o casamento continua sendo um momento significativo do ciclo vital individual e familiar. Em virtude disso, objetivou-se compreender a dinâmica conjugal na perspectiva da divisão de tarefas domésticas em casais de dupla carreira. A partir da análise de textos de autores que estudaram essa temática, observou-se que esse tipo de arranjo matrimonial pressupõe uma divisão equitativa de responsabilidades profissionais e familiares por parte do casal, embora na prática esse equilíbrio ainda esteja longe de ser alcançado. Assim, percebe-se a complexidade presente na dinâmica conjugal e familiar, em que é necessário que o casal apresente funções de complementariedade e flexibilidade, para que construam padrões alternativos que favoreçam melhores níveis de bem-estar na vivência conjugal.

**Palavras-chave:** Famílias contemporâneas, Casais de dupla carreira, Gênero.

### ABSTRACT

The contemporary family faces many changes in its configuration and structure, and tries to reorganize aspects of their own reality continually transformed by the current socio-cultural context. However, marriage remains a significant moment of individual and family life cycle. Therefore, this study aims to understand the marital dynamics from the perspective of the division of housework in dual-career couples. From the analysis of texts by authors who have studied this issue, it was noted that this type of marriage arrangement presupposes a fair division of work and family responsibilities by the couple, although in practice this balance is still far from being achieved. Thus, we can notice it in marital and family dynamics complexity, it is necessary that the couple present functions of complementarity and flexibility to build alternative standards that promote higher levels of well-being in marital experience.

**Keywords:** Contemporaries families, Dual-career couples, Gender.



## INTRODUÇÃO

O casamento é alvo de intensos questionamentos devido às transformações que vivencia, as quais resultam das determinações econômicas, sociais, culturais, e de gênero, que ocorrem ao longo do tempo (ARAÚJO, 2002). Nesse contexto, do modelo tradicional às diversas formas de casamento atuais, observam-se mudanças nos papéis conjugais e nas expectativas em relação à união conjugal (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009).

Na contemporaneidade, o casal se depara com uma série de possibilidades de viver a conjugalidade, as quais em muitos aspectos divergem do casamento tradicional. Dentre esses aspectos tem-se a importância direcionada ao amor e à sexualidade, à independência emocional e econômica.

Nota-se que os fatores acima descritos, por assumirem relevância na dinâmica conjugal contemporânea elevam a exigência por parte dos casais em relação à qualidade do casamento, bem como faz com que esses parceiros sejam pressionados socialmente a atingir um grau superestimado de satisfação conjugal, já que hoje, casar é uma escolha, e quando esta escolha é realizada, ela trás consigo expectativas de felicidade.

Acerca dessa realidade, Ferés-Carneiro (1998) menciona que, ser casal reveste todo um fascínio, mas revela também algumas dificuldades que residem no fato de, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, serem detectáveis duas individualidades e uma conjugalidade; ou seja, o casal contém dois sujeitos, dois desejos, duas percepções de mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal.

Nesse âmbito, o casamento, para Oliveira (2012), é uma fonte de crescimento e desenvolvimento pessoal, e está relacionado a sensações e sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição, segurança e a outros fatores que propiciam intimidade no relacionamento (NORGREN et al., 2004). Desse modo, conforme estes autores apontam, o relacionamento conjugal está associado à qualidade de vida.

Em virtude dos relacionamentos íntimos serem o aspecto central da vida adulta e a qualidade dos mesmos terem implicações não só na saúde mental e física, mas na vida



profissional de casais, é que a ciência psicológica cada vez mais se depara com o desafio de entender e avaliar dinâmicas relacionais de casais, especialmente daqueles que trabalham fora em tempo integral, configurando-se as situações de casamentos de dupla carreira.

Com relação a este tipo de casamento, Goldenberg e Goldenberg (1984) apontam que as famílias de dupla carreira têm uma postura comum em relação à divisão de poder e das responsabilidades domésticas, além de acreditarem na importância do avanço profissional de ambos os parceiros. Estes casais, para Diniz (1999), possuem um maior grau de envolvimento com a carreira, bem como almejam preservar e cultivar a vida conjugal.

Nesse contexto dos casais de dupla carreira, pressupõe-se que exista divergências nas dinâmicas familiares e conjugais em decorrência de negociações que devem ser realizadas pelo par conjugal em relação à divisão de tarefas domésticas e das responsabilidades familiares. Acredita-se que essa zona de conflitos pode causar atritos no casamento, e, conseqüentemente, ao longo do tempo, resultar em insatisfação conjugal.

Desse modo, essa questão é o foco desse estudo, pois objetiva-se no presente artigo compreender a dinâmica conjugal à luz da divisão de tarefas domésticas em casais de dupla carreira. Para tanto, considera-se que a realidade desses casais é complexa e necessita ser estudada, pois compreender o casamento atual, no qual o par conjugal tenta coordenar e equilibrar diversos papéis, é um desafio para estudiosos que se interessam em acompanhar as transformações nos papéis de gênero e seu impacto nas relações conjugais e familiares.

Nesse ínterim, é importante salientar que a investigação dessa temática pelos estudiosos da área conjugal e familiar, pode disponibilizar maiores dados para a pesquisa científica, contribuir com a bibliografia atual sobre a divisão de tarefas domésticas em casais de dupla carreira, e fornecer subsídios para a busca de soluções que amenizem as conseqüências advindas dessa situação de conflito.

Em decorrência da relevância dessa temática, buscar-se-á contextualizar a família contemporânea e as transformações na conjugalidade atual. Em seguida, será delimitada a trajetória da evolução social da mulher e do casamento. E, analisar-se-á a dinâmica conjugal sob a ótica das tarefas domésticas de casais de dupla carreira.



## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A família contemporânea enfrenta diversas mudanças em sua configuração e estrutura, e se esforça para conseguir reorganizar aspectos de sua própria realidade transformada continuamente pelo ambiente sociocultural atual (SOUZA; MOREIRA, 2013). No entanto, o casamento continua sendo um momento significativo do ciclo vital individual e familiar (HACKNER et al., 2002).

No âmbito conjugal atual, a escolha do marido é livre, e os pais devem aceitar o que a geração mais nova determina para si mesma. Além disso, os filhos afirmam que eles têm o poder e o direito de saber com quem querem conviver, talvez, para o resto de seus dias, mas, muito provavelmente, não para sempre (BIASOLI-ALVES, 2000).

No que concerne à dimensão afetivo-sexual, Gomes (1998) menciona que o relacionamento conjugal não está mais tão ligado à procriação. Apesar disso, a constituição familiar ainda é muito presente na vivência da maioria dos casais, aliada a grande proporção de casais com filhos. No entanto, a maternidade, nas últimas décadas, vem sendo postergada pela mulher, em função de uma preocupação maior com a realização profissional e por questões de ordem econômica. Desse modo, os casais consideram não só a maternidade, mas também a decisão de se casar, a independência feminina e o aspecto financeiro, ocasionando um planejamento e uma postergação do casamento.

Faz-se necessário sinalizar que, neste momento atual, a ideia de casamento indissolúvel já não é a única forma de conceber os relacionamentos conjugais, pois são muitos os casais que, por exemplo, decidem viver em união não formalizada, ou mesmo os que casam, mas permanecem morando em locais separados. Alguns fatores, como um aumento da individualidade e de uma diminuição da tolerância frente às dificuldades inerentes à dinâmica conjugal, levam os casais a optar pela separação. Sob esse prisma, os relacionamentos adquirem uma nova perspectiva, sendo vividos como temporários e descartáveis (FALCKE; DIEHL; WAGNER, 2002).

Diante das transformações sociais e suas repercussões nas relações familiares, o laço conjugal é alvo de intensos questionamentos. Ao mesmo tempo em que algumas pessoas o consideram como um relacionamento fadado ao fracasso, outras continuam acreditando que ele



é a melhor forma de viver um relacionamento a dois. Assim, a união das pessoas, através do casamento, ainda parece ser a alternativa mais frequente no estabelecimento de um relacionamento conjugal estável. Vale destacar, que é comum que, mesmo aquelas pessoas que se divorciam, voltem a se casar, acreditando ser possível encontrar a satisfação com um(a) novo(a) parceiro(a) (FALCKE; DIEHL; WAGNER, 2002).

Nesse ínterim, Costa (2000) afirma que as relações conjugais contemporâneas atingem sua maturidade representando, verdadeiramente, um ato de vontade, regidas pelas necessidades e anseios de prazer e realização, estabelecidos livremente pelo casal. Assim, o casamento por amor se consolida, reunindo liberdade de escolha, ternura, amizade, concepção e prazer sexual.

Além disso, essas relações se constituem em torno da construção das identidades dos cônjuges, em que o compromisso é o de sustentar o desenvolvimento individual e a relação se mantém enquanto for prazerosa e útil para cada um. Todavia, quanto maior for a busca de autonomia individual no casamento, mais o casal pode se fragilizar (FÉRES-CARNEIRO, 2001). Para Ferro-Bucher (1999), essa fragilidade abala as estruturas e as dinâmicas familiares, originando a multiplicação de casais não casados legalmente, de casais monoparentais, o aumento de divórcios e a diminuição do número de filhos no casamento.

Essas transformações na conjugalidade ocorreram em consequência do espaço que a mulher passou a reivindicar e ocupar, através do seu processo de emancipação. De parceira submissa na sociedade conjugal, a mulher passou a ter expressão na força de trabalho, participando de atividades antes reservadas ao homem (JABLONSKI, 1998).

Além dessas mudanças, outras ocorridas ao longo do século XX – muitas decorrentes dos movimentos sociais, principalmente os feministas – começaram a alterar a antiga identidade feminina, tornando possível outras escolhas para as mulheres. Aliados às lutas políticas, os desenvolvimentos tecnológicos, como o surgimento da pílula anticoncepcional, tornaram a contracepção relativamente segura, eficaz e disponível para a maioria das mulheres dissociando a sexualidade da procriação (ROCHA-COUTINHO, 2005a).

Esse período se caracterizou pelo fato de muitas mulheres passarem a se preocupar com a realização acadêmica e a valorizar a construção de uma carreira profissional, vislumbrando uma condição necessária para o sucesso em sua vida (ROCHA-COUTINHO, 2003). Além disso, um número cada vez mais expressivo de mulheres passou a trabalhar fora de casa e a contribuir com a renda familiar. Consequentemente, esses novos papéis desempenhados pela



figura feminina alteraram a estrutura e os padrões de funcionamento familiar no momento atual (FLECK; WAGNER, 2003).

Essas mudanças acarretam também um contato social mais amplo e constante, ocasionando uma intensificação de questionamentos. Isso significava haver um descontentamento com o passado, uma análise depreciativa de como as mulheres eram criadas, da sua submissão, dos limites estreitos impostos ao seu movimento dentro dos grupos sociais e das possibilidades de escolha profissional (BIASOLI-ALVES, 2000).

Acerca da mulher contemporânea, uma das questões mais complexas, problemáticas e conflitantes é a maternidade. Para Szapiro e Féres-Carneiro (2002), apesar dessas transformações, a maternidade ainda é vista como um fator fundamental e constituinte da identidade feminina, mesmo quando a mulher desempenha atividades profissionais ou quando não pode ter filhos.

Assim, Rocha-Coutinho (2005a) comenta que antigos padrões de maternidade convivem, no discurso social, com as novas ideias sobre a necessidade do investimento feminino em uma carreira profissional e da igualdade de papéis entre homens e mulheres. Desse modo, a maternidade entra em conflito com os outros aspectos importantes da vida das mulheres, como é o caso do investimento efetivo em uma carreira profissional, o que as direcionam a buscar uma forma conciliatória, nem sempre plenamente alcançada, para tentarem levar a cabo estas duas “prioridades” de sua vida: a família e a carreira.

Fleck e Wagner (2003) assinalam que esse é um dos aspectos mais desafiantes que as mulheres vivenciam, pois elas arcam com o maior ônus pelas mudanças nos papéis de gênero e familiares, porque elas se sobrecarregam com essa dupla jornada de trabalho, em que, além de exercerem seu trabalho fora de casa, continuam assumindo o trabalho doméstico e a educação dos filhos (BIASOLI-ALVES, 2000; DIAS; LOPES, 2003).

Diante desse contexto, é importante salientar que o discurso social aparentemente descreve o casamento ideal como sendo aquele em que tanto o marido quanto a mulher investem em suas carreiras profissionais e compartilham a responsabilidade pelos cuidados com a casa e pela criação dos filhos (ROCHA-COUTINHO, 2005a). É aqui que encontramos o cerne deste estudo: “A dinâmica conjugal à luz da divisão de tarefas domésticas em casais de dupla carreira”.



Acerca desta questão, ressalta-se que em meados do século XX, o casamento-modelo definia atribuições e direitos distintos para homens e mulheres. Dentro de casa, essas tarefas eram consideradas deveres exclusivamente femininos; já os homens, deveriam ser solicitados apenas para fazer pequenos reparos (BASSANEZI, 2004).

Nesse momento histórico, apesar da permanência da maioria das características do casamento tradicional, observou-se, em relação à vida profissional, o início de mudanças a partir da Primeira Guerra Mundial, quando muitas mulheres foram impelidas a sair de casa para trabalhar, emergindo nelas o desejo de buscar um espaço para si (DIAS; LOPES, 2003).

Teykal e Rocha-Coutinho (2007) apontam que ao longo das últimas décadas, mais particularmente a partir do final dos anos de 1960 e início de 1970, as mulheres, principalmente as das classes médias e altas da sociedade, – já que a figura feminina que tinha menor poder aquisitivo sempre teve que trabalhar para auxiliar no sustento da família e/ou buscar o seu sustento –, veem conquistando um espaço cada vez maior no mercado de trabalho remunerado, o qual até bem pouco tempo atrás, era considerado quase que exclusivamente masculino.

As estudiosas mencionadas acima afirmam também, que aos poucos, o universo feminino foi se inserindo e conquistando posições de maior poder e prestígio nos mais diversos setores profissionais, inclusive nas organizações nacionais e multinacionais, e atualmente se encontram quase que em igualdade com os homens no mercado profissional.

Nesse ínterim, estas mudanças foram, em grande parte, decorrentes dos Movimentos Feministas da década de 1960, que “desnaturalizaram” os antigos papéis masculinos e femininos, questionando várias esferas da vida social, tais como a família, a sexualidade, a divisão sexual do trabalho público e doméstico, entre outras; bem como da ampliação das necessidades de consumo, que direcionou à busca do aumento da renda familiar através do trabalho remunerado também das mulheres (JABLONSKI, 1998).

Rocha-Coutinho (1994) acrescenta que esses movimentos tiveram forte repercussão no Brasil, em que as antigas ideologias, que separavam o público do privado, dando primazia ao homem no setor público e confinando as mulheres ao setor privado, foram contestadas.

Nesse âmbito, os eventos históricos acima relatados transformaram profundamente as relações familiares e conjugais, as quais trouxeram consequências como casamento e maternidade tardios, diminuição no número de filhos, maior independência das mulheres e aumento de conflitos gerados pela busca da igualdade de direitos (JABLONSKI, 2010).



Ademais, os arranjos matrimoniais em que apenas um dos parceiros se encarrega sozinho do sustento da família parecem cada vez menos frequentes. As mulheres se voltam, mais e mais, para o trabalho fora de casa, não só porque ele possibilita atingir melhor padrão de vida para a família, mas também pelo fato do sucesso profissional ser percebido como uma forma de realização pessoal e social (ROCHA-COUTINHO, 2003), além de assegurar maior independência financeira, algo importante em tempos nos quais o casamento nem sempre é duradouro (JABLONSKI, 2010).

Diante dos diversos arranjos conjugais decorrentes da inserção da mulher no mercado de trabalho, tem-se os casais de dupla carreira, em que ambos os esposos exercem profissões que exigem etapas de desenvolvimento e progressão, e um alto grau de instrução e treinamento, de comprometimento com o trabalho e de atualização constante. Nessa situação, as profissões tendem a ser mais bem remuneradas, a fornecer maior poder e status social, por outro lado, as exigências laborais frequentemente invadem várias áreas da vida do indivíduo, como por exemplo, a tarefas domésticas (DINIZ, 1999).

Assim, nesse momento, a família hierárquica, com papéis de gênero bem definidos, estaria cedendo espaço, sobretudo como ideal, a um tipo de família igualitária, em que os papéis e as atribuições distintos do par conjugal, bem como as posições hierárquicas entre pais e filhos estariam se enfraquecendo (ROCHA-COUTINHO, 2007).

Nesse modelo de família, em que os comportamentos sociais sofreram influência dessas novas relações de gênero, ainda se observa, por meio das estatísticas da Pesquisa Nacional por Amostra de Dados (2006), uma forte presença de mulheres responsáveis pelo cuidado dos afazeres domésticos. Nesse sentido, qualquer que seja sua condição na família, as mulheres participam com mais intensidade e gastam um número de horas muito mais elevado do que os homens no cuidado de tais atividades (SOARES, 2008).

Além disso, o somatório do trabalho semanal da mulher com a casa, com os filhos e na atividade profissional supera em até quase cinco horas a carga horária dos homens (SOARES; SABOIA, 2007).

Nesse contexto, em uma investigação realizada por Teykal e Rocha-Coutinho (2007), constatou-se que, no que diz respeito à divisão das responsabilidades domésticas e cuidados com os filhos, nota-se uma mudança ainda bastante tímida no comportamento masculino, que se mostra mais participativo em decorrência da ausência da mulher do espaço privado para se





dedicar a um trabalho remunerado. Desse modo, a responsabilidade pela casa e filhos continua nas mãos da mulher e a participação dos homens é vista mais como uma “ajuda”.

Rocha-Coutinho (2005b) acrescenta que a participação dos homens dentro de casa aumentou, porém essa participação é pontual, mais ligada à recreação dos filhos e às compras da casa, e percebida como um auxílio à companheira. Além disso, suas esposas continuam a serem vistas e a se verem como responsáveis pelo trabalho rotineiro, invisível e estafante de planejar e executar a maioria das tarefas do lar, delegar funções e responsabilidades, organizar e supervisionar as atividades dos filhos e verificar se eles estão tendo uma alimentação e cuidados físicos adequados, assim como constatar os seus resultados escolares.

A partir das investigações de Jablonski (2003) constatou-se que, em relação às atitudes, um crescente interesse dos homens em participar, cada vez mais, da educação e dos cuidados com os filhos. Porém, na prática a divisão de tarefas torna-se utópica, como se houvesse uma promessa de mudança que não é cumprida, circunstância capaz de gerar frustração nas mulheres.

Diante das conclusões obtidas a partir dos estudos dos teóricos acima mencionados, constata-se que esses achados corroboram com a ideia de que as tarefas do lar permanecem como eminentemente femininas. Em decorrência disso, os casais de dupla-carreira parecem vivenciar um conflito entre as propostas igualitárias modernas e as práticas hierárquicas tradicionais (JABLONSKI, 2007).

Além da situação exposta, em que é visível a distância entre o discurso e a prática, acerca da divisão de trabalho doméstico, Jablonski (2007) aponta em uma de suas pesquisas que há aceitação pelas mulheres dessa condição, principalmente depois do nascimento dos filhos. Observou-se, nesse sentido, que esta tendência para a assunção de papéis femininos e masculinos estereotipados ocorre independentemente do status profissional das mulheres, nível educacional, ou das atitudes de gênero e divisões de trabalho preexistentes por parte dos casais.

Teykal e Rocha-Coutinho (2007) observam uma série de mudanças nas visões, atitudes e comportamentos masculinos, ainda que muitas contradições ainda se façam presentes. Parece, assim, que se vivencia um momento de transição em que os papéis e posturas de homens e mulheres se encontram em processo de mudança, com novas e antigas visões e comportamentos se sobrepondo, por vezes, de forma contraditória.



Assim, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho não implicou uma divisão mais igualitária dos trabalhos domésticos, ainda que haja indícios de maior participação masculina no cuidado com os filhos (mas não nas tarefas domésticas) (JABLONSKI, 2010).

Essa situação de disparidade de papéis seria vivenciada pelas mulheres, aparentemente, de forma dolorosa, uma vez que há uma promessa de igualdade de funções, alimentada por atitudes dos próprios homens, o que ocasiona uma expressiva fonte adicional de conflitos dentro de uma área já suficientemente carregada de problemas. Diante desse quadro, muitas mulheres sentem-se traídas e sobrecarregadas, visto que a divisão igualitária dos papéis, não se ocorrendo na prática, contribuiria para que a figura feminina se sentisse cada vez mais solitária em suas funções diárias (JABLONSKI, 1998).

Diante dessa realidade, Perlin e Diniz (2005) mencionam que a falta de igualdade na divisão de tarefas domésticas, na administração da casa e na educação e cuidado dos filhos são fatores geradores de estresse na esfera familiar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, evidencia-se que a inserção das mulheres no espaço público acarretou mudanças no casamento e na família. O investimento feminino no aperfeiçoamento profissional tem sido fundamental para que elas possam, gradativamente, ocupar posições de destaque no mercado de trabalho, antes domínio único do universo masculino. Ressalta-se que essa realidade tem sido um desafio tanto para as mulheres, quanto para os homens (SOUZA ET. AL., 2007).

Nesse âmbito, os estudiosos acima pontuam que o surgimento dos casais de dupla carreira elevou as exigências do papel parental devido à imposição de aprimoramento constante e aos desafios profissionais que se adicionaram às tarefas domésticas, ao cuidado dos filhos e ao cultivo da relação conjugal. Vale destacar que quando o casal consegue dividir e realizar as tarefas de modo complementar torna-se menos conflitante para eles articularem-se diante de tantas exigências, resultando num melhor relacionamento familiar.

Evidencia-se que novos arranjos matrimoniais, como os casais de dupla-carreira, além de complexos, inserem-se no contexto social contemporâneo. Esse tipo de situação conjugal



pressupõe uma divisão equitativa de responsabilidades tanto profissionais quanto familiares por parte do casal. Embora na prática esse equilíbrio ainda esteja longe de ser alcançado. Nesse sentido, a flexibilização de funções masculinas e femininas na configuração familiar e no contexto social constitui um elemento fundamental de transformação, porém homens e mulheres mostram-se apegados a estereótipos e papéis previamente estabelecidos, e isso produz dificuldades de adaptação aos novos estilos de vida conjugal (DINIZ, 1999).

Assim, percebe-se a complexidade presente na dinâmica conjugal e familiar na contemporaneidade, em que se torna necessário que o casal apresente funções de complementariedade e flexibilidade, para que, desse modo, construam padrões alternativos que favoreçam melhores níveis de bem-estar na vivência matrimonial.

Por fim, espera-se que este artigo possibilite reflexões acerca dessa condição em que o casal precisa se ajustar diante dos vários papéis existentes na conjugalidade, bem como oportunize um incremento de pesquisas de campo com casais de dupla carreira na perspectiva da negociação das tarefas domésticas, uma vez que esse novo arranjo matrimonial pode acirrar atritos, pois tanto o homem como a mulher apresentam o mesmo investimento na carreira profissional, o qual implica na diminuição do tempo destinado à realização das tarefas domésticas no lar.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. de F. *Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações*. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, Jun. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 maio 2014.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, M. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. P. 607-639.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 16, n. 3, p. 233-239, set.-dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4810.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2014.

COSTA, G. P. *A cena conjugal*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DIAS, A. C. G.; LOPES, R. C. S. Representações de maternidade de mães jovens e suas mães. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, número especial, p. 63-73. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa09.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2014.



DINIZ, G. Homens e Mulheres frente à interação casamento-trabalho: Aspectos da realidade brasileira. In: FERES-CARNEIRO, T. *Casal e Família: Entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau, 1999. P. 31-54.

FALCKE, D.; DIEHL, J. A.; WAGNER, A. Satisfação conjugal na atualidade. In: WAGNER, A. (Org.) *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. P. 172-188

FERES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v.11, n.2, p. 379-394. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 maio 2014.

FÉRES CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Casamento e família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: Nau, 2001. P. 67-80

FERRO-BUCHER, J. S. N. O casal e família sob novas formas de interação. In: FÉRES CARNEIRO, T. (Org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau, 1999. p. 169-193.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. *A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, número especial, p. 31-38. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa05.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2014.

GOLDENBERG, I.; GOLDENBERG, H. *Treating the dual career couple*. *The American journal of family therapy*. v.12, n.2, p. 29-37. 1984. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01926188408250167#preview>>. Acesso em: 07 maio 2014.

GOMES, I. C. Visão histórica do casamento e sua relação com a formação da família. In: \_\_\_\_\_. *O sintoma da criança e a dinâmica do casal*. São Paulo: Escuta, 1998. p. 27-38.

HACKNER, I. T.; et. al. *O Casamento na Atualidade*. In: I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão, 2002, São Paulo. Anais eletrônicos. Mesa Redonda. São Paulo: CBPCP, 2002, p. 162. Disponível em: <<http://www2.cienciaeprofissao.com.br/congre/downloads.asp>>. Acesso em: 07 maio 2014.

JABLONSKI, B. *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. 2a ed.. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

JABLONSKI, B. Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a classe média carioca. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Loyola, 2003. p. 141-168.



JABLONSKI, B. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 203-228.

JABLONSKI, B. *A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento*. Psicologia Ciência e Profissão, v.30, n.2, p. 262-275. 2010. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n2/v30n2a04.pdf>> Acesso em: 07 maio 2014.

NORGREN, M. de B. P. et al. *Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível*. Estud. psicol., Natal, v.9, n.3, p.575-584, dec. 2004. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2004000300020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 maio 2014.

OLIVEIRA, D. S. de. *Conjugalidade e a união de duas histórias de vida: Uma discussão ilustrada a partir do filme “A História de Nós Dois”*. Interação em Psicologia, Curitiba, v.16, n.1, p. 125-133, jan. 2012. Disponível em:<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/view/21197>>. Acesso em: 07 maio 2014.

PERLIN, G.; DINIZ, G. *Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade?* Psicol. clín., Rio de Janeiro, v.17, n.2, p. 15-29. 2005. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652005000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 maio 2014.

ROCHA-COUTINHO, M. L. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Quando o executivo é uma “dama”: a mulher, a carreira e as relações familiares. In: FÉRES CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 57-78.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. In: FÉRES CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2005a. p. 122-137.

ROCHA-COUTINHO, M. L. *O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação?* Psicologia Clínica. v.15, n.2, p.93-108. 2005b. Disponível em:<<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/>>. Acesso em: 07 maio 2014.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e de mulheres com um trabalho. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 157-180.

SOARES, C. *A distribuição do tempo dedicado aos afazeres domésticos entre homens e mulheres no âmbito da família*. Revista Gênero, Niterói, v. 9, n. 1, p. 9-29, 2. sem. 2008.



Disponível em:  
<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/download/93/69>. Acesso em:  
10 maio 2014.

SOARES, C.; SABOIA, A. L. *Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da pesquisa nacional por amostra de domicílios de 2001 e 2005*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tempo\\_trabalho\\_afdom\\_pnad20012005.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tempo_trabalho_afdom_pnad20012005.pdf)> Acesso em: 07 maio 2014.

SOUZA, C. B. S.; MOREIRA, L. V. C. A vida adulta e seus desafios centrais: a família e o trabalho. MOREIRA, L. V. C. (Org.). *Psicologia, família e direito: interfaces e conexões*. Curitiba: Juruá editora, 2013. p. 245-258.

SOUZA, N. H. S. de; WAGNER, A.; BRANCO, B. M.; REICHERT, C. B. *Famílias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar: estudo de casos*. Aletheia, n.26, p.109-121, jul./dez. 2007. Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n26/n26a10.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2014.

SZAPIRO, A. M.; FÉRES-CARNEIRO, T. *Construções do Feminino Pós Anos Sessenta: O Caso da Maternidade como Produção Independente*. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 15, n. 1, p. 179-188. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a19v15n1.pdf> Acesso em: 20 maio 2014.

TEYKAL, C. M.; ROCHA-COUTINHO, M. L. *O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho*. PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 38, n. 3, p. 262-268, set./dez. 2007. Disponível em:  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/2888/2183>> Acesso em: 10 maio 2014.

ZORDAN, E. P.; FALCKE, D.; WAGNER, A. *Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento*. Psicol. rev. Belo Horizonte, v.15, n.2, p. 56-76, ago. 2009. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682009000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07 maio 2014.